

FONTE: REVISTA MUITO

01/09/15

## **"Israel se engaja num racismo de estado"**

Quando lançou o livro *Problemas de gênero* (1990), a filósofa norte-americana Judith Butler, 59, transformou seu nome numa referência acadêmica popular. Editada em 23 países, a obra apresentou o feminismo não apenas como uma luta pelos direitos das mulheres, mas como um questionamento sobre o que é ser mulher - e, por consequência, o que é ser homem, gay, lésbica. A ideia de que a identidade sexual ou de gênero é resultado de uma construção social e não de papéis biologicamente definidos não era nova. A novidade foi a fluidez irônica de Butler para renovar a pauta feminista - interpelando-a sem, contudo, abandoná-la. Em 25 anos, a popularidade e o cardápio de assuntos da pensadora só aumentaram. Butler já se debruçou sobre a tragédia de Antígona, sobre o luto (que vidas são passíveis de luto e que vidas podem ser descartadas), sobre o sionismo (movimento que defende o direito dos judeus de terem sua pátria). Professora na Universidade da Califórnia, onde é codiretora do Departamento de Teoria Crítica, ela chega ao Brasil no próximo dia 5 para participar do congresso *Desfazendo gênero*, da Ufba, e de um seminário da revista *Cult. À Muito*, Butler falou sobre papéis sociais, religião e direitos humanos.

**A publicação *Problemas de gênero* foi importante para as discussões sobre os papéis sociais que ocupamos. Vinte e cinco anos depois, como a senhora vê a sua tarefa de perturbar a noção de gênero?**

Eu nunca pretendi ser uma filósofa que dissolve a ideia de identidade. É inevitável que todos nós sejamos afetados por categorias de identidade e que algumas dessas categorias nos ajudem a viver. Outras deixam a vida mais difícil. Então, minha proposta foi considerar criticamente aquelas que deixam a vida mais difícil. Por exemplo, somos convocados a pertencer a um gênero antes de termos a oportunidade de escolher. E, quando a oportunidade emerge, isso geralmente envolve uma batalha com as categorias de identidade socialmente existentes. À medida que a luta continua, podemos abrir novas categorias ou dar às categorias existentes novos significados. Continuo na mesma luta: questionar as categorias de identidade que restringem a nossa vida.

**É possível alcançar um mundo sem categorias de identidade preexistentes?**

Não, nunca chegaremos a este mundo. Muitos de nós nascemos dentro de categorias de gênero, classe, religião, raça e nacionalidade, para dizer algumas. Somos, em certa medida, formados por essas categorias - elas pertencem à nossa história e à nossa formação. Não podemos lutar para viver em um mundo em que não há história. Mas

precisamos pensar sobre que tipo de atuação podemos ter, dada a história por meio da qual somos formados e o desejo de criar a nós mesmos.

**A senhora argumenta contra os discursos que dizem o que uma lésbica, gay ou negro devem ser ou como devem se comportar. Ao buscar a afirmação das próprias identidades, esses grupos estão reforçando velhas representações sociais?**

Sim. Muitas vezes quando argumentamos por direitos dos gays, ou argumentamos contra o racismo, estamos revisitando categorias sobre o que significa ser gay, branco ou preto. Essas são categorias históricas, e elas podem ser usadas para sanar feridas ou para abri-las. A principal questão, para mim, é que uma pessoa não pode pretender se libertar da homofobia, por exemplo, para se ver aprisionada de novo em outra ideia restrita de identidade.

**Em junho, a Suprema Corte americana reconheceu a legalidade do casamento gay. Qual deve ser o foco do país agora no avanço dos direitos humanos?**

O "progresso" pode acontecer ao mesmo tempo que o "não progresso". Tudo depende das lentes pelas quais você olha. A Suprema Corte reconheceu o casamento gay, o que é importante para os direitos civis nos EUA. Mas também estamos vendo que isso produz uma distinção entre o "bom" cidadão gay e "mau" cidadão gay. Aqueles que não se casam, aqueles sem patrimônio ou filhos, que vivem numa cultura sexual mais radical, ou que trabalham com sexo, estão agora remarginalizados. E as importantes batalhas da juventude LGBTQI (sigla para lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, queer e intersexuais), assim como as dificuldades enfrentadas pelas populações idosas, já não estão em primeiro plano. Questões de saúde, incluindo o vírus HIV, não constituem mais o foco principal. O progresso no casamento significa que temos uma nova categoria de "populações marginais" - cujas condições não foram resolvidas.

**A senhora já disse que a "branquitude" exercida por homens brancos e héteros também é reação a uma demanda social. A que tipo de pressão os homens brancos e heterossexuais estariam submetidos?**

Não sei muito sobre as lutas deles, mas é justo dizer que mesmo os homens brancos que estão em conformidade com os ideais de raça, masculinidade e heteronormatividade podem sofrer um custo desta conformidade. Talvez eles devam reprimir alguma dimensão de sua sexualidade ou repudiar ramificações importantes para eles ou lutar para manter essa conformidade de maneira que os deixem sem paz ou prazer.

**Temos assistido, em diversas partes do mundo, ao fortalecimento de uma extrema direita religiosa, que se coloca contra os direitos LGBT. Faltam lideranças mais articuladas para vocalizar a luta LGBT?**

Estou certa de que os líderes LGBTQI precisam continuar a vocalizar as demandas por reconhecimento e fazer oposição à violência que afeta essa comunidade. Mas isso também deveria ser feito por todos os líderes de todos os partidos políticos à esquerda e todos os defensores dos direitos humanos. A oposição à violência e à intolerância deve ser encampada por uma coalizão ampla. Não é apenas um trabalho de líderes LGBTQI, mas de todas as plataformas políticas que defendem a igualdade, a não violência e a liberdade.

**A senhora é uma judia que não se sente representada pelo estado de Israel, como expôs no livro *Parting Ways: Jewishness and the Critique of Zionism* (2013). Como analisa as críticas que recebe de ser antissemita e antijudaica?**

Há uma grande quantidade de ansiedade e medo sobre essas questões. Muitas pessoas continuam a acreditar que fazer oposição à violência e à injustiça do estado de Israel é tornar-se completamente antissemita. E a minha crença é a de que deve-se opor absolutamente ao antissemitismo, porque todas as formas de racismo estão erradas, e entre elas seria preciso incluir o racismo de estado. Em minha opinião, e na opinião de um número crescente de judeus como eu, Israel se engaja em um racismo de estado. Frequentemente, se te fazem a pergunta "você é sionista?" e você responde "não", você é colocado como alguém que pede a destruição do estado de Israel - e que pode adotar a violência para conseguir isso. Mas quando digo "não", digo "não nos termos como Israel está fundamentado". Eu nasci sionista, porque não tive escolha. Era parte da essência da minha família. Mas rompi com isso e fiz perguntas. Não significa que quero ver a destruição de um povo, quero ver a estrutura de um estado incorporar mais substancialmente os princípios básicos da democracia.

**No livro *Quadros de guerra - quando a vida é passível de luto* (2009) a senhora diz que não podemos chorar por vidas perdidas que nunca conhecemos. A popularização de meios de comunicação menos tradicionais pode nos levar a compreender melhor a dor do outro?**

Novas mídias podem mudar nossas ideias sobre as vidas que importam, mas há sempre a possibilidade de isso não ocorrer. A tecnologia por si só não é nem politicamente progressista nem reacionária. Depende dos usos em que é aplicada. Todos nós temos a obrigação de tentar entender não apenas o sofrimento que acontece distante de nós - em países, grupos ou indivíduos -, como as redes e estruturas globais que reproduzem o sofrimento. Assim, nós, sobretudo nos EUA, temos que entender como estamos ligados ao sofrimento "distante" de nós. Na medida em que nossas guerras e políticas econômicas têm ajudado a produzir sofrimento, temos a obrigação de trazê-lo para perto, a fim de compreender os efeitos ou ações do nosso próprio país. Novas mídias podem ser usadas para produzir esse efeito e, desta forma, ser muito valiosas.

**O excesso de imagens de violência a que estamos submetidos nos leva à insensibilidade ou ao medo?**

Depende de como essas imagens são enquadradas, da narrativa que programas e reportagens fazem sobre elas. Imagens não funcionam sem enquadramento. Sou contra a censura, exceto em casos muito raros de violência extrema e degradação. Não importa como interpretamos essas imagens e como a apresentação delas nos conduz ou determina nossa interpretação. Temos que conhecer nosso mundo e a violência que ocorre dentro dele.

**Segurança é a grande bandeira neste momento em muitos países - incluindo o Brasil. Mas é a política que nos faz sentir seguros ou nos coloca em risco?**

Muitas vezes, quando o estado produz medo e, então, oferece-se como protetor, cria-se um ciclo vicioso. O estado "protege" sua população controlando movimentos, liberdade de expressão, acesso à informação. Tem-se um estado vigilante, no qual a população acredita que precisa de "proteção" estatal. Mas quando o poder é exercido pelo povo de forma que reforce a sua soberania, o estado não consegue jogar este jogo tão facilmente ou de forma tão eficaz.

**Que esperança a senhora vê num mundo que parece violentamente dividido por diferenças entre os povos - incluindo, mas não limitado a questões religiosas?**

Alguns dos conflitos que atribuímos a diferenças religiosas estão mais ligados a questões como poder político, acesso ao petróleo e formas mais amplas de racismo, embora esses conflitos sejam articulados por uma linguagem religiosa. Mas, assim como há muçulmanos politicamente radicais, há muito mais muçulmanos que não o são. Para cada judeu que apoia a guerra, há um número maior que não apoia. Não podemos fazer generalizações sobre determinadas religiões ou mesmo sobre o caráter religioso dos conflitos contemporâneos. Temos que considerar que o componente radical do Estado Islâmico, por exemplo, não é conduzido pela religião. A história política deles tem de ser compreendida à luz da história do Iraque e da Síria. Sinais da esperança sempre emergem quando lutamos por interpretações mais complexas.